

PARADIGMAS FILOSÓFICO-EDUCACIONAIS E SEUS CONTRIBUTOS PARA OS PROCESSOS FORMATIVOS NO SÉCULO XXI: UMA DISCUSSÃO INICIAL À LUZ DA FILOSOFIA SOCIAL MARXIANA

MAYARA CRISTINA VARGAS¹, DIRLEI DE AZAMBUJA PEREIRA²,
NEIVA AFONSO OLIVEIRA³

¹Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) da FAPERGS/
Universidade Federal de Pelotas – vargasmayaracris@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – pereiradirlei@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – neivaafonsooliveira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo decorre do projeto de pesquisa *Paradigmas filosóficos na educação: perspectivas para pensar a educação e formação humanas*. Destarte, propõe um estudo sobre a relevância dos paradigmas filosófico-educacionais e suas implicações nas práxis vigentes no século XXI. Em especial, nesse escrito, a discussão centra-se na crítica proposta pela filosofia social marxiana ao modelo social-econômico capitalista. A metodologia adotada é a bibliográfica, na qual o aporte teórico de Karl Marx e de seus comentadores serve de sustentação para a análise da estrutura social e suas influências no campo educativo. Considerando a diferença sócio-econômica estabelecida entre as pessoas pertencentes às diferentes classes sociais, a importância deste trabalho justifica-se pelo fato de evidenciar as causas da desigualdade social propiciada pelo capitalismo. No referido contexto, os indivíduos, em sua maioria, integram a classe trabalhadora, a qual vende sua força de trabalho, aos donos dos meios privados de produção, para que assim consiga prover os recursos necessários à manutenção da vida. Em face desse processo, os trabalhadores se inserem em um processo laboral que os aliena e oprime. E para que tal *modus operandi* se mantenha, torna-se necessário que os espaços de formação ratifiquem essa lógica. As discussões sobre os impactos causados pelo capitalismo são proeminentes porque as diferenças sociais tendem a crescer agravando, cada vez mais, os malefícios para os indivíduos pertencentes à classe trabalhadora, como, por exemplo, a retirada de direitos trabalhistas, a precarização das condições de trabalho e a extinção de políticas sociais no âmbito da saúde e da educação.

Consideramos que discussões dessa natureza e a partir do paradigma da filosofia social de Karl Marx contribuem na edificação de uma crítica consistente ao sistema social-econômico capitalista e permitem a elaboração de práxis educacionais que tenham como intencionalidade a formação de indivíduos em suas múltiplas potencialidades.

2. METODOLOGIA

A perspectiva metodológica adotada nessa pesquisa é a bibliográfica. Com efeito, em um primeiro momento, buscamos na filosofia social marxiana a compreensão de sua estrutura e como o referido paradigma potencializa processos formativos distintos daqueles originados pelo modo de produção capitalista. Integram os procedimentos metodológicos os três princípios apontados por SAVIANI (1996), quando declara, no livro *Educação: do senso*

comum à consciência filosófica, que uma reflexão filosófica precisa ser radical, rigorosa e de conjunto. Nas palavras do autor:

[...] a reflexão filosófica, para ser tal, deve ser radical, rigorosa e de conjunto. **Radical:** Em primeiro lugar, exige-se que o problema seja colocado em termos radicais, entendida a palavra radical no seu sentido mais próprio e imediato. Quer dizer, é preciso que se vá até às raízes da questão, até seus fundamentos. Em outras palavras, exige-se que se opere uma reflexão em profundidade. **Rigorosa:** Em segundo lugar e como que para garantir a primeira exigência, deve-se proceder com rigor, ou seja, sistematicamente, segundo métodos determinados, colocando-se em questão as conclusões da sabedoria popular e as generalizações apressadas que a ciência pode ensinar. **De conjunto:** Em terceiro lugar, o problema não pode ser examinado de modo parcial, mas numa perspectiva de conjunto, relacionando-se o aspecto em questão com os demais aspectos do contexto em que está inserido. É neste ponto que a filosofia se distingue da ciência de um modo mais marcante. Com efeito, ao contrário da ciência, a filosofia não tem objeto determinado; ela dirige-se a qualquer aspecto da realidade, desde que seja problemático; seu campo de ação é o problema, esteja onde estiver. Melhor dizendo, seu campo de ação é o problema enquanto não se sabe ainda onde ele está; por isso se diz que a filosofia é busca. E é nesse sentido também que se pode dizer que a filosofia abre caminho para a ciência; através da reflexão, ela localiza o problema tornando possível a sua delimitação na área de tal ou qual ciência que pode então analisá-lo e, quiçá, solucioná-lo. Além disso, enquanto a ciência isola o seu aspecto do contexto e o analisa separadamente, a filosofia, embora dirigindo-se às vezes apenas a uma parcela da realidade, insere-a no contexto e a examina em função do conjunto (SAVIANI, 1996, p. 17).

Acreditamos que esses três aspectos, em especial, precisam ser assumidos em uma investigação bibliográfica que busque uma reflexão crítica sobre um determinado fenômeno, como é o caso desse estudo. Partindo desses pressupostos, a seguir, apresentamos os resultados da discussão que encontra-se em sua fase inicial.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O filósofo da ciência e físico Thomas Kuhn, em sua obra *A estrutura das revoluções científicas*, afirma que paradigmas “são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 1991, p. 13). A obra e o estudo de KUHN (1991) é relevante para a discussão aqui desenvolvida, pois, a partir de sua definição, voltamos nosso olhar para a filosofia social marxiana e buscamos compreendê-la em sua estrutura.

A organização teórica de Karl Marx, nos campos da filosofia e da sociologia, constitui-se como um importante paradigma no que diz respeito à crítica ao capitalismo e à hierarquia social imposta pelo mesmo. Portanto, seu estudo é de suma necessidade para a construção do debate sobre os impactos causados pelo modelo capitalista na sociedade e nas práticas educativas advindas desse contexto social. O capitalismo tem como objetivo o lucro obtido através da comercialização de mercadorias e mão-de-obra. Desse modo, a sua manutenção traz malefícios para os indivíduos pertencentes às classes populares, ou seja, aqueles que integram a classe explorada (o proletariado).

O sistema capitalista caracteriza-se pela concentração do poder na mão de grandes potências, onde elas se protegem, coletivamente, a fim de impedir o

surgimento de novos Estados e economias líderes. É característica desse modo de produção, também, a monopolização bélica, financeira e de inovação tecnológica, conforme afirma FIORI (2014, p. 30), em sua obra *História, Estratégia e Desenvolvimento: para uma geopolítica do capitalismo*. Assim, os países emergentes economicamente representam uma forte ameaça para as grandes potências. Aqueles que detêm o poder e o desenvolvimento econômico lutam para se manter na posição de dominadores e, cada vez mais, ampliarem suas vantagens no que diz respeito ao desenvolvimento econômico. Em outras palavras, estas potências geram dificuldades aos países economicamente emergentes e, ao mesmo tempo, reproduzem as condições de desigualdades sociais impostas pelo capitalismo (FIORI, 2014, p. 30).

As diferenças econômico-sociais advindas dos diferentes modos de produção colocaram, historicamente, em lugares antagônicos aqueles que vendem a sua força de trabalho e aqueles que detêm os meios privados de produção. MARX e ENGELS (1990, p. 66), no livro *Manifesto do Partido Comunista*, ao dissertarem sobre o *Item I – Burgueses e Proletários*, observam que:

A história de toda a sociedade até hoje¹ é a história de lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestres e companheiros, numa palavra, opressores e oprimidos, sempre estiveram em constante oposição uns aos outros, envolvidos numa luta ininterrupta, ora disfarçada, ora aberta, que terminou sempre ou com uma transformação (*Umgestaltung*) revolucionária de toda a sociedade, ou com o declínio comum das classes em luta.

Considerando o exposto, a desigualdade social produzida pelos diversos modos de produção sempre esteve presente na história da humanidade. Porém, foi com Karl Marx que as entranhas dos processos de opressão foram compreendidas de maneira mais acurada durante sua análise sobre a situação dos operários nas fábricas, quando os mesmos sofriam a exploração de sua mão-de-obra. Desde o surgimento dos diversos modos de organização da sociedade, os grupos dominantes detinham uma melhor qualidade de vida, ou seja, possuíam acesso aos espaços acadêmicos, à alimentação, à moradia e a condições de produção da vida infinitamente melhores dos que as classes populares. Para a manutenção desses privilégios, a classe dominante oprimia àqueles que não pertenciam a ela com o intuito de fazê-los servir e garantindo a preservação de suas benesses. Essa constatação tem uma implicação direta sobre os processos formativos. Para que a ordem econômico-social permaneça é imperioso que as futuras gerações sejam, desde sempre, formatadas a não questionar a lógica existente. E, nesse sentido, reside uma contraposição entre dissemelhantes concepções formativas. Se para o modelo social do capital é imprescindível a formação de seres humanos alienados e que tenham a sua constituição somente vinculada para a exploração, a perspectiva aventada pela filosofia social marxiana defende a formação omnilateral, a qual inteciona que homens e mulheres tenham todas as suas possibilidades formativas desenvolvidas. Frente a esse quadro, a busca por um paradigma filosófico-educacional, de matriz marxista, contribui para que outros processos pedagógicos possam ser realizados a partir de uma

¹ Em nota à Edição Inglesa, de 1888, Engels elucida que a referência que faz sobre a totalidade da história corresponde à história escrita, uma vez que, em 1847, o modo como se organizavam socialmente os seres humanos, na pré-história, era ignorado. O *Manifesto* teve o início de sua inscrição em 1847.

perspectiva humanizadora e que esses engendrem práxis educativas que possibilitem uma formação humana em sua totalidade.

4. CONCLUSÕES

A discussão presente neste resumo enfatiza as desigualdades sociais providas a partir do atual modelo socioeconômico capitalista. Considera para a reflexão, ainda, os privilégios e as carências de cada classe que são reproduzidas a cada geração, conforme afirma o sociólogo Jessé de Souza, em sua obra *A elite do atraso*.

Os privilégios culturais e formativos atribuídos aos indivíduos pertencentes à classe dominante surgem do fácil acesso ao capital, enquanto a outra camada da população, a classe explorada, luta para conseguir as condições mínimas para a sua sobrevivência material. Em outras palavras, essas diferenças afetam, fortemente, a qualidade de vida da classe dominada no que diz respeito à educação, à saúde e às condições de trabalho. Tendo em vista que homens e mulheres não partem do mesmo lugar na sociedade, ou seja, não há uma igualdade e, muito menos, equidade entre as oportunidades endereçadas àqueles que integram as classes populares, constatamos que há um modo de produzir a vida extremamente desumano para os trabalhadores e seus filhos. Logo, no que tange aos processos formativos, às crianças provenientes da classe dominada são ofertados modelos educativos que não os fazem perceber a exploração que sofrem enquanto classe. As práticas educativas a que estão sujeitos buscam manter a lógica social do capital. É em oposição a esse modo de produção do ato pedagógico, uma vez que ratifica o modelo social capitalista, que a partir da filosofia social marxiana podemos problematizar um outro paradigma formativo, que busque a totalidade do ser em sua complexa constituição, que o permita compreender criticamente o mundo e suas relações, que tenha a oportunidade de reconhecer-se nos processos laborais e que lhe permita inserir-se em um movimento permanente de humanização.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIORI, J. L. **História, Estratégia e Desenvolvimento:** para uma geopolítica do capitalismo. São Paulo/SP: Boitempo, 2014.

MARX, K., ENGELS, F.. **Manifesto do Partido Comunista.** Trad. Marco Aurélio Nogueira e Leandro Konder. 3. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1990.

SAVIANI, D. **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. 12. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

SOUZA, J. **A elite do atraso:** da escravidão a Bolsonaro. Rio de Janeiro/RJ: Estação Brasil, 2019.